

Da revolução política à revolução social

Excertos de Proudhon*

O que Proudhon postula é uma outra revolução, capaz de gerar um regime econômico e industrial que será o contrário de um regime governamental, no qual os vencedores não se tornem casta dominante ou governante:

“Quer a burguesia o saiba ou ignore, sua função terminou, ela não pode ir muito longe nem pode renascer. Mas que ela entregue sua alma em paz. O advento da plebe não terá como resultado sua eliminação, no sentido de a plebe substituí-la na sua preponderância política, nos seus privilégios, propriedades e gozos, enquanto ela [burguesia] ocuparia o antigo lugar dos novos vencedores”. As atuais classes devem “absorver-se reciprocamente numa consciência superior [...] será o dia da fusão definitiva” (Proudhon, 1924: 101).

É uma revolução que não tem fim, permanente, com resultados irreversíveis, cuja dinâmica é a de fortificar-se e ampliar-se na proporção da resistência encontrada. Como na sociedade as idéias são interesses e os interesses são homens concretos, é difícil que homens, a serviço de interesses, consintam em eclipsar-se espontaneamente. É então preciso vencê-los. Há casos, portanto, em que a revolta contra o governo ousasse proibir a própria ciência e interrompesse a comunicação das idéias, então os democratas se encontrariam no caso em legítima defesa.

Proudhon reitera, no entanto, em várias oportunidades, que não se trata, para o revolucionário, de imaginar ou de combinar no cérebro um sistema, que se implanta em seguida. Não é dessa maneira que se reforma o mundo. Ninguém é capaz, como foi atribuído a Saint-Simon e Fourier, de apresentar um sistema completo, em que nada mais haja a acrescentar. O sistema da humanidade só se dará a conhecer cabalmente no fim da humanidade. O que é plausível é detectar-lhe a direção.

Tal postura é marcante na resposta de Proudhon ao convite de Marx. Em 5 de maio de 1846 Marx envia-lhe carta em que propõe troca de correspondência regular entre socialistas alemães, ingleses e franceses. Crê Marx que dessa forma

as diferenças de opinião poderão aparecer à luz do dia e se chegará à troca de idéias e a crítica imparcial. Será um progresso

* Publicado em *Proudhon* (Resende; Passeti, 1986: 19-21).

do movimento social na sua expressão literária, com o fim de ultrapassar os limites da nacionalidade (Marx, 1982: 199-200).

Proudhon responde ao convite com muitas reservas:

Em primeiro lugar, embora minhas idéias acerca de organização estejam constituídas, ao menos no que toca aos princípios, creio que é meu dever, e dever de todo socialista, conservar, ainda por algum tempo, a forma antiga ou dubitativa: numa palavra, faço profissão pública de um antidogmatismo econômico quase absoluto. Se o senhor quiser, investiguemos juntos as leis da sociedade, o modo como elas se realizam, o progresso segundo o qual chegamos a descobri-las. Mas, por Deus! Depois de demolir todos os dogmatismos *a priori*, não sonhemos, de nossa parte, com a doutrinação do povo. Não caíamos na contradição do seu compatriota Martin Lutero, que, depois de liquidar a teologia católica, pôs-se logo, com grandes reforços de excomuniões e anátemas, a fundar uma teologia protestante. Há três séculos, a Alemanha só se ocupa em destruir o estuque Lutero; não esbocemos para o gênero humano mais um sacrifício por novos rebocos. Aplaudo, de todo coração, sua idéia de confrontar todas as opiniões; estabeleçamos uma polêmica boa e leal; ofereçamos ao mundo o exemplo da tolerância sábia e previdentes; mas, pelo fato de estarmos à frente do movimento, não nos tornemos chefes de nova intolerância, não nos coloquemos como apóstolos de nova religião, ainda que da lógica, da razão. Acolhamos, estimulemos todos os protestos, desencorajemos todas as exclusões, todos os misticismos. Não consideremos, jamais, uma questão esgotada. E, quanto tivermos usado até o nosso último argumento, se for preciso, recomeçemos com eloquência e ironia. Com estas condições, entrarei com prazer na sua associação; sem elas, não.

Proudhon destaca a frase de Marx – no momento da ação – e, de modo severo, acrescenta:

Talvez o senhor ainda conserve a opinião de que nenhuma reforma é hoje possível sem um *coup de main*, sem o que outrora se chamava uma revolução, e que é apenas uma agitação. Essa opinião, que compreendo, que escuso, que discutirei com prazer, porque compartilhei dela por longo tempo, confesso-lhe que meus últimos estudos revisaram-na completamente. Creio que não precisamos disso para triunfar e que, por conseqüência, não devemos colocar a ação revolucionária como meio de reforma social, porque esse pretendo meio seria, muito simplesmente, um apelo à força, ao arbítrio – logo, uma contradição. Coloco-me assim o problema: reintroduzir na sociedade, por uma combinação econômica, as riquezas que dela foram extraídas por uma outra combinação econômica. Noutros termos: na economia política, voltar à teoria da Propriedade contra a Propriedade [...] prefiro, pois, queimar a Propriedade em fogo lento, ao invés de lhe dar nova força, fazendo com os proprietários uma São Bartolomeu (Proudhon *apud* Marx, 1982: 201-2).

Nessa perspectiva, que quisemos enfatizar *in extensis* com documento de grande atualidade, tocado pela grande complexidade do projeto moderno de ultrapassagem das desavenças entre a questão da liberdade e o problema da igualdade, Proudhon afirma não ter um projeto de sociedade, postulando antes um método de análise que possibilite detectar o movimento da história. Entrevê, nas discussões de que participa, reformadores e revolucionários ciosos de seu papel, sobressaltados com possíveis rivais, temerosos de partilhar a ação de vanguarda. Proudhon pretende afastar-se dessas “incômodas e inúteis” companhias, daí a precaução, dirão alguns exagerada, diante do convite que lhe é feito por Marx, o que provocará muito desconforto, expresso em *Miséria da filosofia*.

Os primeiros a levantar a questão social não foram operários. Eram sábios, filósofos, gente de letras, economistas etc., enumera Proudhon. E durante muito tempo a burguesia conservadora instituiu no fato de os operários permanecerem indiferentes às provocações dos inovadores: 1848 traz um fato novo. O povo adquiriu consciência de si mesmo. Com a aquisição dos direitos políticos, esclarecido pelos insucessos da vida política, duas correntes de opinião circulam entre os trabalhadores: o sistema comunista governamental, ditatorial, autoritário, doutrinário, e o sistema mutualista.

Detectado o movimento da história na direção da afirmação econômica da autonomia do trabalho, da negação da apropriação do capital, o fundamental, enquanto critério de avaliação das propostas socialistas da Democracia Operária, é que ela,

ao mesmo tempo em que afirma seu *Direito* e libera sua *Força*, coloque também sua *Idéia* [...] para que todos reconheçam que aqueles que por sua própria iniciativa, possuem o Direito e o Poder têm, também, decorrência de sua prática inteligente e progressiva, o Saber (Proudhon, 1924: 110).

Quando a racionalidade do trabalho transparece teoricamente, num processo interno de desvendamento, torna-se possível, objetiva e subjetivamente, a afirmação de sua autonomia: é em tal base que se erige a construção mutualista e federalista, em meio à multiplicidade e ao conflito.

Bibliografia

MARX, K. (1982). *Miséria da Filosofia: Resposta à Filosofia da Miséria do Sr. Proudhon*. São Paulo, Ciências Humanas.

PROUDHON, P. J. (1924). *De la capacité politique des classes ouvrières*. (Oeuvres Complètes). Paris, Marcel Rivière.

RESENDE, P. E. A e PASSETTI, E. (1986). *Proudhon*. São Paulo, Ed. Ática.